

O RIO QUE FUNCIONA ■ Apesar das freqüentes denúncias de precariedade, rede de hospitais

A saúde que a crise não alcançou



DIVULGAÇÃO

Croqui de como ficará o novo Into, na Zona Portuária

INTO ■ MUDANÇA VAI PERMITIR 20 MIL CIRURGIAS/ANO

■ Hospital exporta médicos

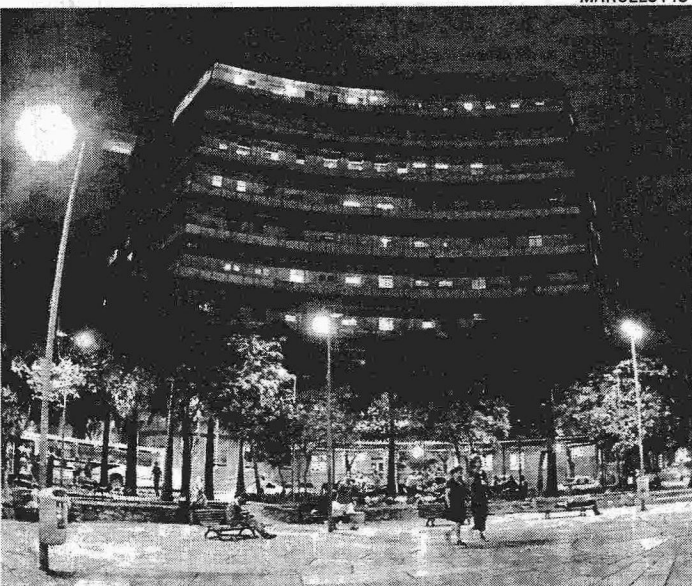
Um hospital que só existe no Rio, mas, ainda assim, chega a 22 Estados. Exportador de profissionais e cirurgias para todo o país, o Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia cresceu tanto que já não cabe em sua velha sede, no Centro. Em 2009, seus 1.300 funcionários vão se mudar para prédio de número 500, na Avenida Brasil, na Zona Portuária. Os novos ares farão bem à fila de espera. Estima-se que o número de cirurgias aumente de 6 mil

para 20 mil por ano.

– Vamos resolver o problema da ortopedia no Rio – promete Francisco Matheus, diretor interino da instituição. – Aqui o dinheiro público é bem empregado.

Para dar conta da demanda, o hospital criou um terceiro turno de serviços. Recebeu, também, R\$ 28 milhões do Ministério da Saúde para levar médicos país afora e capacitar os profissionais locais.

– O Into foi o único lugar em que não me receberam de cara feia – elogia a dona de casa Anna Mourão, que corrigiu uma prótese mal colocada no hospital. – Procurei as melhores clínicas e os médicos diziam que era “psicose” minha. Cheguei a ficar um ano com a perna imobilizada.



MARCELO PIU

Inca: avaliação positiva em todos os serviços prestados

laranj ■ HOSPITAL-MODELO

■ Avaliação constante da unidade

Quando fazia residência médica em um hospital universitário, Rodrigo Gismondi esbarra na falta de recursos para atender aos pacientes. No Instituto Nacional de Cardiologia de Laranjeiras, não teve o mesmo problema. Detalhe: o novo local de trabalho também pertence ao governo federal.

– Mas parece um novo mundo – espanta-se. – Em certas áreas temos de aprender tudo de novo, porque não havia nos outros hospitais os equipamentos de ponta que temos aqui.

Não é só na infra-estrutura que o Instituto de Cardiologia assemelha-se a hospitais particulares. O modelo de gestão, implementado há três anos, já é copiado em outras unidades de saúde do Rio. A ordem é não pensar apenas no paciente. Além da qualidade do atendimento, a produtividade acadêmica e tempo e custo das intervenções são avaliados, entre outros fatores. Os resultados são cobrados mensalmente em cada departamento.

– Estamos em um constante processo de análise, mas sem procurar culpados – ressalta Regina Xavier, diretora-geral do hospital. – A intenção não é castigar. Conseguimos aproveitar melhor os recursos e fazer os médicos se preocuparem com assuntos que ultrapassam suas especialidades.

Aline Duque Erthal e Renato Grandelle

Nem tudo que é bom dói no bolso. Apesar das carências infindáveis em algumas de suas mais famosas instituições, a rede pública de saúde também coleciona ilhas de excelência. São hospitais que exportam conhecimento, capacitam profissionais e garantem qualidade de vida a quem não tem condições para procurar o sistema privado.

– Alguns setores sobrevivem à calamidade pública por combinarem oferta de recursos e boa gestão – ressalta Jorge Darze, presidente do Sindicato dos Médicos do Rio.

Para Maximus Adjunto, professor da Faculdade de Medicina da UFF, o setor público não teve, nas últimas décadas, as mesmas oportunidades da rede particular.

– Desfazer a má imagem do serviço estatal é uma missão complexa. Existe uma relação há muito estabelecida de que só o privado é bom – lamenta. – Se houvesse mais competência na administração, teríamos mais hospitais como o Instituto de Traumatologia e Ortopedia.

O **Jornal do Brasil** correu atrás de outros bons exemplos, e chegou a uma conclusão gratificante: a rede pública de saúde não rende apenas más notícias.



CRÉDITO

Deise, da equipe de transplante renal: “Queremos mais”

Bonsucesso ■ REFERÊNCIA EM TRANPLANTES

■ Meta é aumentar cirurgias

Figurinha fácil quando se listam as mazelas da rede pública de saúde, o Hospital Geral de Bonsucesso também tem do que se orgulhar. A instituição é vice-campeã nacional nos transplantes de rim e quarto lugar em transplantes de fígado.

– Discutimos todos os dias como aumentar a quantidade de leitos e capacitar mais médicos para nos ajudar – diz Lúcio Pacheco, chefe da área hepática.

Em seu departamento, cabem apenas nove pacientes. A

divisão de transplante renal é um pouco maior: tem 13 vagas.

– Queremos fazer muito mais – resume Deise Monteiro, chefe da equipe de transplante renal. – O Estado tem 3 mil pessoas na fila de espera por um rim. É o dobro do que atendemos em 25 anos.

Os esforços são reconhecidos por quem passou pelos leitos. O estudante Leandro da Costa ficou quase três anos esperando por um rim. Chegou a pesar 29 quilos. Quando soube que conseguiu um lugar no hospital, não comemorou.

– Tive medo de ficar à revelia, já que estava nas mãos do serviço público – revela. – Mas os médicos lutaram por mim. Agora peso 60 quilos e continuo me recebendo para ver meus exames.

Inca ■ RECONSTRUÇÃO DE MAMA É LEVADA A ITÁLIA E ARGENTINA

■ Hospital se divide e cresce

Terapia ocupacional para pacientes recuperados, sessões de acupuntura, farmácia de manipulação para doentes terminais. Difícil dizer qual serviço do Instituto Nacional do Câncer (Inca) merece destaque. Responsável por 30%

das internações por câncer de todo o Estado, o instituto dividiu-se em quatro hospitais e um centro de transplantes de medula óssea. Em todos, o serviço é digno de aplausos.

– Eles fazem tudo que podem pelo paciente – elogia a recepcionista Jakline Caldas, que fez mastectomia (retirada de mama com câncer) na instituição. – Os médicos eliminaram o tumor e, na mesma cirurgia, reconstruíram a mama.

O Inca é pioneiro no serviço, já mostrado em países como Argentina e Itália.

– As técnicas são tão modernas que nos permitem economizar uma operação – comemora Paulo Roberto Leal, chefe do Departamento de Cirurgia Plástica do Inca. – A maior recompensa é recuperar a auto-estima das mulheres, que se livram de um mal e não ficam mutiladas.

Com ocupação média de 85% dos leitos, o Inca faz 260 mil consultas por ano. O instituto também forma profissionais em programas de residência para atuar em hospitais de todo o país.